



CRIANÇA E LITERATURA

Bartolomeu Campos de Queirós

Desaponta-me ou me entristece a carga de pesquisas, teses, estatísticas que se processam no país para comprovar o abandono em que sobrevivem os mais jovens. Basta percorrer pequeno trecho de rua – se temos olhar ainda pouco familiarizado e acomodado a esta paisagem – para não se duvidar do desalento das crianças, ignoradas já por si mesmas, vagando e, em defesa, agredindo pela cidade. Em qualquer porta, por toda esquina, dentro de muitas caixas, perto de todo lixo, elas se aglomeram sem amparo, identificando-se por um passado semelhante e no presente pela falta do destino.

Impressiona-me – e a idade amadurece também a leitura – a hostilidade embutida, sem meandro e descaradamente, nos poucos programas assistenciais. Eles tentam com projetos de alimentação e abrigo, para os chamados “desamparados”, sustentar perdas significativamente mais profundas que são as perdas familiares. Todo parto é fruto de uma relação. A primordial pro-cura do homem é aconchegar-se no colo do mundo de onde veio. As carícias da casa satisfazem além do estômago e do sono. O carinho embala a confiança, amansa a dor, aquece a sorte e abranda o medo. O carinho cria destino e sufoca a sina. E a primeira leitura da criança é a do carinho que exala do olhar da mulher geradora. A mãe é espelho que permite ser atravessado.

Quero ler no gesto da mãe que alimenta o filho sentenças silenciosamente contidas neste ato contidas neste ato e que o coração da criança silenciosamente guarda de cor pela vida afora. Com o peito a mãe sabe, mesmo inconscientemente, que a fome mata e ela não deseja que o fruto morra. A ação de alimentar é duplamente forte: a criança que não quer morrer e a mãe que lhe deseja a vida. Matar a fome é afastar a morte. A mãe quer a vida do filho e a criança se envaidece e ama, sob tal sol quente e redondo que não lhe deixa partir. É diferente se alimentar pelas mãos daqueles que me pedem a vida do comer

para não aumentar o índice de mortalidade diante dos países desenvolvidos.

Meu texto pode ainda não se fazer apropriado para seminário em que a mim foi sugerido manifestar-me sobre “Animação da leitura: Por onde passa o livro de literatura”. Não me proponho, desde o convite, a um olhar míope sobre determinada parcela da criança brasileira, enfasiada pela televisão, vídeo, cinema, *shopping*, viagem, brinquedos, ou fascinadas pelos rótulos das embalagens dos supermercados e *bombonières*, pelas capas coloridas de livros ditos infantis. Quero um pouco mais. Sei que este grupo privilegiado, se a angústia ameaçar, deitará em divãs, com possibilidade de justificar o conforto com acomodações apregoadas pelos seus antecedentes.

Como escritor, tomando a fantasia como distância menor para se chegar à realidade, posso imaginar o sonho óbvio desta população ignorada, ou politicamente e ocasionalmente lembrada, nascida como todos, sem escolher país, classe social, língua, filiação, cor, mas determinada ao sofrimento, parâmetro para garantir *status* a um segmento da sociedade em que grande parte tem a injustiça social como degrau para confirmar-se no poder.

A literatura nos aproxima, por meio dela também nos amparamos. É porta que se escancara para fronteiras sem dicotomias entre o real e a fantasia. Na literatura, o imaginário é matéria de trabalho. A literatura é necessária uma vez que o universo pessoal é originalmente insuficiente. Há sempre que se confrontar com a experiência do outro. Na literatura este outro não é alheio a mim. Sem este encontro cúmplice é impossível evadir-se para demais distâncias e nos “condenarmos”, juntos, à liberdade. E a liberdade é um bem coletivo e exigência para o conhecimento. A liberdade nos promete a realização da fantasia. Na literatura, o leitor, o escritor e seus personagens se encontram para relações em que em democracia as idéias resistem em suas diferenças e sem torturas.

Penso, frequentemente, como aproximar estas crianças da literatura, ou melhor, da arte, mas persiste em mim a certeza de que há profundas inferências ocupando os pensares. São lutas pela existência que doem por todo o corpo, até a alma. Sei que uma grave pergunta atordoia na infância: por que eu sou eu e o outro é o outro?

Aprendi e vivi que toda necessidade gera uma capacidade. Se me intrometo, intuitivamente, no sonho das crianças, assusto-me. (A intuição é um conhecimento que se instaura a partir do sentir-se no centro do objeto olhado). Assusto-me

porque em seus sonhos habitam desejos que por direito lhes pertencem e não se justificam enquanto sonho: um pouco mais de comida, uma cama para dormir, um trabalho justo para meu pai, um hospital que cura para a minha mãe, um cômodo a mais na casa. Não sonham com carinho. O afeto amedronta aqueles que não o conhecem. E amedronta mais quando com ele se tenta comprar a passividade.

Afirmar que a literatura é fundamental. Ela realiza em grande parte a carência do sujeito. Mas dentre as várias linguagens da arte, a literatura exige um pré-requisito. Podemos contemplar uma pintura, viajar na música, percorrer a arquitetura, admirar a dança. Inclusive podemos pintar, contar, construir, dançar. Mas não podemos consumir ou produzir a literatura sem o prévio conhecimento das letras. Há que ser alfabetizado.

Quero, pois, afirmar inicialmente que para a Animação da Leitura é indispensável a escola. É dela a função maior e primeira de apresentar à criança as letras e suas consequências. Isto quando se acredita, sem vacilar, como dogma, que no mundo há muito que se ler e tanto mais a escrever. O homem é corpo que escreve e mapa onde se lê. O homem é carta. Ler e escrever para o mundo sem privilegiar razão e intuição. Ler e escrever o vivido e o desejado. Ler e escrever como exercício para tomar ciência dos limites que cerceiam o ideal e instrumentalizar-se para aumentar os raios possíveis. Ler pressentindo o ministério que reside na palavra. Escrever para dar sentido e razão à fantasia e não ignorá-la como supérfluo. Ter a fantasia como metáfora. Ler contrapondo, duvidando, jogando com os significantes: Não, vovô não viu a uva; eu não olho para Lili, ela comeu todo o meu doce; o meu barquinho amarelo é uma caixa cinza que navega nas noites sob marquises e frio.

Quando a criança passa pela escola e não elege como condição única para a sua educação permanente a leitura, é oportuno conferir os métodos e as circunstâncias políticas dessa instituição. Sou pessimista e suponho que todos os problemas atuais da educação são engenhosamente construídos, para dificultar ao educando de tomar da palavra. Ter a palavra é munir-se e implica em designar, discriminar, escolher, indicar. Lembro-me aqui de uma poeta russa, Marina Tzvizitaieva, quando, sentindo que tudo foi usurpado de seu povo, ela declama: enquanto houver saliva/ todo país estará armado!

Lamento, sim, por uma escola sedutora e para todos, onde os que ali circulam têm a alegria advinda das transformações individuais e sociais que ali se originam. Onde aluno, professores e funcionários exerçam as possibilidades amplas da escola.

Reclamo por uma escola não mantenedora da orfandade, reconhecida pela sociedade politizada como a maior garantia para a coletividade humana. Reclamo, portanto, por um lugar onde a crítica se sobreponha ao apenas informativo. Reclamo por uma escola onde pela leitura o sujeito conquiste o direito de se inscrever. Reclamo por uma escola que não dá a palavra, mas convida o aluno a tomar da sua palavra.

Junto desta escola para todos, clara e limpa como convém à vida, circulem professores valorizados política e socialmente pelo seu desempenho, pela sua luta em promover sensivelmente fertilizado pela palavra. Assim, a escola seria desejada pela criança.

Uma escola, pois, com uma biblioteca pequena e primorosa em seu acervo: alguns contos de fada propícios para vivenciar os vários níveis da emoção, como a perda, a traição, a injustiça, o amor, a guerra, a morte. Alguns tantos livros de poesia de primeira água, para através deles se perceber o cuidado e a contenção para se dizer das fortes descobertas. Outros livros que falem da alma e das cadeias que construímos para aprisioná-la. Histórias de viagens a pequenos e grandes lugares onde o pensamento possa sonhar-se e lá. Tantos livros que registram os diferentes destinos dos homens e suas contraditórias soluções. Quem sabe páginas sobre a natureza das coisas, sem tentar decifrar os seus mistérios para que a dúvida permaneça. Aqui novamente a dúvida como emoção capaz de aguçar a curiosidade, tornando flexíveis e cuidadosos os nossos avanços.

Com o gosto pela literatura, que deve ser inerente ao ato de alfabetizar, a biblioteca será acolhedora, lugar capaz de fortificar as crianças para a liberdade. Será um lugar plausível, sem avisos de silêncio, cuidado, o livro é o melhor amigo do homem. A criança já descobriu que pelo livro ela abraça o mundo.

Depois de desapontado e pessimista, sonho com professores recomendando livros que leram e se encantaram, discutindo obras, redimensionando com outros textos o lido e o amado. Repetindo, um professor – e por que não? – bibliotecário com hábito de leitura. Bibliotecas congestionadas durante os recreios, promovendo momentos de contos, debates, análises. Então o conteúdo e a forma das escrituras dos alunos seriam fortes em criação e originalidade.

Estou esquecendo: o livro da literatura percorrida caminho pequeno: do escritor ao editor, do editor à gráfica, da gráfica à livraria. E da livraria ao leitor, já ansiosamente esperando por um novo diálogo.

Como escritor, eu agora estaria em casa, produzindo com

dificuldade e paciência o meu texto, tentando configurá-lo como literário, uma vez que os leitores são de fato exigentes.

Solicitaram-me uma palavra sobre “Animação de Leitura.” Fui muitos nesse texto. Passei do desalento à utopia única e exclusivamente para dizer aos senhores que, somente empenhado na construção de uma escola de qualidade e para todos, o país poderá animar-se não somente para a leitura mas para praticar uma política em que a palavra tenha todo o seu crédito.

SOBRE O AUTOR

Bartolomeu Campos de Queirós (Pará de Minas MG 1944 - Belo Horizonte MG 2012). Autor de poemas e histórias infantis e juvenis, educador, crítico de arte, museógrafo e ensaísta.

Aprovado: 16.03.2014

Recebido: 23.03.2014